

AEROMULHER

Sindicato Nacional dos Aeroviários

Qual é o pente que te penteia?

A relação da mulher negra com o cabelo e sua identidade

Leitura infantil

Crianças que desenvolvem o hábito de ler têm maior desempenho cognitivo

Doenças psicossomáticas

Assédio moral praticado nas empresas pode resultar em doenças de fundo emocional

Lugar de mulher é na luta

Longe do estereótipo do “sexo frágil”, mulheres ganham cada vez mais destaque no cenário sociopolítico nacional

Perfil

Entrevista com Graziella Baggio, ex-presidente do Sindicato Nacional dos Aeronautas



Aeromulher

Sumário

Leitura infantil

Como o hábito de ler desde cedo pode favorecer no desempenho cognitivo das crianças

Página 12

Creche para aeroviárias

Você conhece esse direito garantido pela CCT?

Página 25

Lugar de mulher é na luta

Cresce a representação feminina nos movimentos sociais

Página 4

Artigo

Cabelo e Identidade Negra

Página 16

Perfil

Entrevista com Graziella Baggio, ex-presidente do Sindicato Nacional dos Aeronautas

Página 26

Novas dirigentes sindicais

Representação feminina no SNA

Página 8

Uniforme

Até que ponto a empresa pode intervir na aparência de suas funcionárias?

Página 20

Dicas de livros

Indicações de clássicos da literatura para a categoria

Página 30

Extensão da licença maternidade

Aeroviária tem mais tempo para cuidar dos filhos recém nascidos

Página 10

Doenças psicossomáticas

Assédio moral pode resultar em patologia clínica

Página 22

Dicas de filme

Indicações de clássicos do cinema para a categoria

Página 31

2

Expediente

Presidente

Luiz da Rocha Cardoso Pará

Direção de Imprensa,
Lazer e Cultura
Sônia Lindo

Edição e criação de arte
Cláudia Fonseca
DRT 31016/RJ

Tiragem
3 mil exemplares

1ª Edição
Publicada em
março de 2015

Gráfica
Bento Lencastre

Essa é uma publicação do Sindicato Nacional dos Aeroviários. A entidade é total responsável por todo conteúdo divulgado nesse impresso.



Av. Presidente Churchill, 97, 4º andar,
Castelo - Rio de Janeiro/RJ
(21) 3916-2200 - www.sna.org.br
atendimento@sna.org.br



TELEVOZ

Canal SNA

Sindicato Nacional
dos Aeroviários



Filiado à FENTAC/CUT e à ITF



Créditos da foto: Mídia Ninja

Editorial

Todo dia é dia da mulher

Por Cláudia Fonseca

3

A direção do SNA (Sindicato Nacional dos Aeroviários) não poderia escolher data diferente para o lançamento da revista trimestral *AeroMulher*: 8 de março, Dia Internacional da Mulher. As versões para a escolha desse dia como o representativo do gênero feminino são muitas. Algumas afirmam que nessa data dezenas de operárias nos Estados Unidos morreram queimadas dentro de uma fábrica, como castigo por terem organizado uma greve. Outras já alegam que, na Rússia, também no início do século passado, aproximadamente 90 mil operárias participaram de um histórico protesto de reivindicação por melhores condições de trabalho. Mas a verdade é que, apesar da importância de haver um dia internacionalmente reconhecido para nós, mulheres, todo o dia é dia da mulher.

Mulheres que nascem e crescem em uma sociedade onde são reprimidas. Mulheres que questionam o fato de terem salários inferiores aos dos homens, apesar de estudos estatísticos garantirem que o índice de formação com nível superior da mulher é maior do que o dos homens; mulheres que sofrem violência sexual e muitas vezes escutam como justificativa o argumento “mas você não deveria ter andando em determinado lugar sozinha”, ou “não deveria ter saído de casa com uma roupa assim”,

como se a vítima fosse culpada por uma agressão tão bárbara; mulheres que querem ter o direito de se relacionar sexualmente da forma que bem entenderem, sem serem julgadas por isso; mulheres que querem ter o direito de envelhecer, de engordar, de ter cabelos brancos, sem serem apontadas como alguém que deveria se esforçar mais em alcançar um padrão de beleza insustentável para a maioria das mulheres. Mulher não pode sair com roupa curta porque tem que se dar ao respeito. Mulher não pode ficar acima do peso porque isso é coisa de gente desleixada. Mulher não pode ter cabelo crespo porque bonito mesmo é um cabelo “bem cuidado”. Mulher não pode se relacionar sexualmente com um homem que acabou de conhecer, porque esse não é tipo de mulher que um homem aceite casar. Mulher não pode chegar até certa idade sem estar casada porque é estranho ver uma mulher de certa idade solteira. Mulher não pode ser casada e não ter filhos porque a mulher nasceu para ser mãe. Mulher não pode se mostrar firme em papéis de liderança porque vai parecer mandona e isso tira a sua feminilidade. Afinal de contas, será que a mulher pode ser mulher? O objetivo da revista *AeroMulher* é justamente levantar essas questões. Queremos dialogar com as mulheres que são mães e precisam de informações para

educarem melhor os seus filhos, mas também queremos conversar com mulheres que nem sequer pensam na maternidade como hipótese. Queremos falar com mulheres que desejam casar, mas também com mulheres que preferem se relacionar de forma casual. Queremos conversar com mulheres vaidosas, que desejam se sentir belas, mas não dentro de um padrão socialmente estabelecido. E principalmente, queremos conversar com mulheres que não se limitam ao que a mulher deve ser, mas sim, que são o que elas desejam ser.

Esperamos que essa publicação seja do agrado não só das aeroviárias, mas de todos aqueles que desejarem ler sobre as inúmeras possibilidades existentes do ser mulher. A foto que usamos como ilustração desse editorial foi tirada durante a última Marcha das Vadias, no Rio de Janeiro, realizada no dia 9 de agosto de 2014. O movimento anual, que teve início em 2012, surge exatamente para questionar o papel da mulher na sociedade e os inúmeros tipos de violência sofridos diariamente pelo gênero feminino. Violência muitas das vezes naturalizadas e justificadas até mesmo por nós, mulheres. Mas se hoje invadimos o espaço público e lutamos para fazer esses tipos de questionamentos, então que eles sejam feitos, sempre que possível. Boa leitura para todas (os).



Marcha das Vadias, realizada no dia 9 de agosto de 2014, em Copacabana
Crédito da foto: Mídia Ninja

Lugar de mulher é na luta

Da desfrAGMENTAÇÃO do sexo frágil ao processo de empoderamento feminino, mulheres de todo o Brasil questionam seu lugar na sociedade

Por Marcela Lisboa

5 “O mundo precisa entender que o tal sexo frágil não é tão frágil assim e que deve lidar com a força feminina dentro dos espaços políticos”

Uma mulher anda com o megafone em uma mão e a bolsa tiracolo carregada de panfletos e cartolinas na outra. De um lado, a repressão. Do outro, o mundo cheio de possibilidades. E no meio, os desafios de um caminho longo a ser trilhado. Entre Marias e Amélias, Dandaras e Carolinas, mulheres que por tantos anos foram reclusas ao espaço privado resolveram romper as amarras e mostrar que seu lugar é onde bem quiserem. Desde os tempos de colônia se fizeram presentes em movimentações culturais e políticas. Enquanto as muitas Dandaras resistiram à escravidão e estiveram na linha de frente dos movimentos abolicionistas, Marias participaram das primeiras lutas sindicais. A emancipação feminina se deu graças às ditas Vadias do século XIX que

exigiam trabalho, educação, direito a seus corpos e participação na política. Na década de 70, devido ao fenômeno da inserção feminina no mercado de trabalho, o número de mulheres que passou a se organizar em busca de melhores condições trabalhistas cresceu consideravelmente. A sociedade que as condicionou ao espaço doméstico passou a lidar com a incorporação feminina nas lutas e nas ruas. Com a nova visibilidade, gerações seguintes promoveram encontros, seminários e debates a fim de enfrentar o sistema que as fragilizava, como o machismo infiltrado nos próprios movimentos sociais. O mundo precisou (e ainda precisa) entender que o tal sexo frágil não era tão frágil assim e que teria que lidar com a força feminina dentro dos espaços políticos.



Foto: Guilherme Prado

Para a historiadora Cibele Lima, participar da vida política já é um passo de empoderamento, principalmente por esse ser um espaço ocupado historicamente por homens



“Se não assumirmos o papel de ir para rua, não teremos nossos direitos computados, só nesse espaço podemos garanti-los”, declara Bárbara Grayce, estudante de Letras da USP e militante do Juntos!

CRESCER A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO DEBATE POLÍTICO

Desde 2009, a Lei das Eleições define que os partidos devem ter, no mínimo, 30% de suas vagas destinadas a mulheres. Segundo dados do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), em 2014 a participação feminina entre os candidatos cresceu 61% em relação a 2010. Para a historiadora Cibele Lima, participar da vida política já é um passo de empoderamento, principalmente por esse ser um espaço ocupado historicamente por homens. “Muitas pessoas agem como se o espaço das mulheres na política fosse apenas a discussão de gênero, a pauta feminista. No entanto, somos protagonistas em lutas sociais cotidianas”, afirma.

Cibele citou ainda que as mulheres estão na base das construções diárias, mas que na maioria dos casos, os dirigentes, as figuras públicas e os que sentam nas negociações são do sexo masculino. “Vemos mulheres nas atividades executivas e organizativas, mas quem protagoniza os espaços públicos são os homens. Isso não significa que queremos tomar o lugar de ninguém, apenas tentamos superar o que criticamos

em nossa sociedade”, declara.

Na luta por reforma urbana, as mulheres são a maioria na coordenação de ocupações populares encabeçadas pelo MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto). Apesar de hoje, no Brasil, um terço das famílias terem como principal responsável financeiro a mulher, a maioria delas tem a responsabilidade de manter e organizar a família em sua figura feminina. No caso do MTST, por terem mais disponibilidade de tempo em casa, eles dedicam esse tempo para encabeçar a articulação do movimento.

É o caso da educadora e mãe solteira Rosi Sampaio que, ao decidir sair de um emprego que a obrigava a passar a maior parte do dia distante da filha, passou a sustentar a família dando aulas de reforço no quintal de casa. “Dou aula para cerca de 80 alunos distribuídos entre os três turnos. Foi difícil, mas hoje minha filha cursa medicina na UFF”, diz orgulhosa. Rosi é mais um exemplo de mulher que, cansada de participar ativamente da criação dos filhos de terceiros, abriu mão de um emprego formal a fim de se fazer presente no cotidiano de sua própria filha.

O contexto se repete no SEPE (Sindicado Estadual dos Profissionais de Educação), onde a direção é formada majoritariamente por mulheres. Thais Coutinho, militante e professora de História, é um exemplo disso. Ela garante que mesmo em um espaço de esquerda o machismo resiste. “Ele se apresenta de várias formas, incluindo praticas tão naturalizadas por nossa sociedade, que às vezes a pessoa que a comete nem se dá conta. Por isso temos o desafio de combatê-lo em todas as suas manifestações, das mais explícitas às mais sutis”, contou.

A socióloga Marília Bittencourt explica que embora o papel social da mulher tenha mudado, sua estrutura social permanece a mesma. “O processo de empoderamento feminino na militância política se dá no uso da

6

“As mesmas características que em homens são positivas, nas mulheres são vistas de forma distorcida, por exemplo: ele é um líder, ela é mandona. Isso precisa acabar”

Aeromulher

palavra, na exposição pública de ideias. Acontece que o que deveria ser natural em um espaço democrático como a rua, ainda é intimidador para muitas”, conta. Como se o mundo ainda não estivesse pronto para que privilégios sejam compartilhados. A resposta das mulheres é traduzida na voz da historiadora Cibele Lima: “Se não quiserem ouvir, a gente grita, canta e faz barulho no mundo todo, como é o exemplo da Marcha das Vadias”.

MARCHA DAS VADIAS

O movimento Marcha das Vadias, que chegou ao Brasil em 2012, tem como objetivo participar do processo de empoderamento feminino, desconstruindo a figura da mulher enquanto figura dócil e submissa. Os desafios parecem ser imensos, principalmente por terem sido ensinadas desde cedo que o lugar da mulher é o privado, não o público. “Quanto mais dedicadas à política, mais expostas somos, e não fomos criadas para a exposição. As mesmas características que em homens são positivas, nas mulheres são vistas de forma distorcida, por exemplo: ele é um líder, ela é mandona. Isso precisa acabar”, desabafa uma das representantes da Marcha das Vadias do Rio de Janeiro.

A fim de fortalecer a participação das mulheres em organizações coletivas, movimentos como MPL (Movimento Passe Livre), Juntos! e MTST apresentam em estados como o Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre jovens do sexo feminino em suas linhas de frente. Bárbara Grayce, estudante de Letras da USP (Universidade de São Paulo) e militante do Juntos!, é uma dessas figuras que se levanta contra as opressões não apenas sofrida pelas mulheres, mas contra estudantes e trabalhadores do país. Ela garante que nenhuma luta, nenhum movimento consegue seguir sem a participação feminina. “Se nós não assumirmos o papel de ir para

rua, não teremos nossos direitos computados, só nesse espaço podemos garanti-los”, declara. Para ela, o debate acerca do transporte se sobrepõe ao do aumento da tarifa, inclusive. “A mulher sabe o que é pegar o metrô ou o ônibus lotado e sofrer assédio. Isso acaba sendo um elemento a mais para reivindicarmos melhorias nos transportes públicos”.

O SER MULHER

A famosa citação “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, da filósofa francesa Simone de Beauvoir, em seu livro *O segundo sexo*, traz à tona a desconstrução que deve ser feita a respeito da figura feminina no imaginário da sociedade. Ser mulher, com funções e anseios ditos femininos, não passa na verdade de uma construção social. Não é algo que já “nasce” com o indivíduo. A militância é parte fundamental neste debate, pois ajuda na compreensão do que é ser mulher como tudo o que se pode ser, não como o que se espera

que ela seja. A relação com o corpo, a sexualidade, a feminilidade, são questionadas em todos os aspectos. Este é, também, um processo de autoconhecimento importante, que por muito tempo foi negado.

A professora de educação física Evelyn Pessi conta que, devido a sua criação religiosa, a descoberta da sexualidade e do desejo foi tardia. “Era como se nós não tivéssemos direito de sentir desejo e muito menos prazer. Acredita que aos 18 anos eu ainda não sabia como meu corpo funcionava?”, revela. Hoje, a terceira maior fonte de renda ilegal do mundo é o tráfico de mulheres. Esse é um reflexo das desigualdades que precisam ser combatidas e desconstruídas. A figura da mulher enquanto propriedade masculina, imagem por tantos anos construída pela Igreja e pela sociedade, não deve mais ter espaço no século XXI. Porém, combater tais paradigmas exige encarar a sociedade patriarcal e tudo o que ela já planejou para nós, mulheres.



Foto: Guilherme Prado

As moradoras da ocupação Plínio de Arruda Sampaio e integrantes do MTST participam do terceiro ato contra o aumento da tarifa de passagens em São Paulo



Foto: Cláudia Fonseca

Foto publicada na revista *Sobrevoando*, publicação anual do SNA, em 2014. A imagem serviu como ilustração para a matéria “Elas também reivindicam – cresce a cada dia o número de mulheres no movimento sindical” e apresenta as então recém eleitas dirigentes sindicais, durante o Curso de Formação realizado em Miguel Pereira, na Colônia de Férias dos Aeroviários.

Conheça as novas representantes do SNA

Saiba quem são algumas das delegadas recém eleitas para orientar a categoria aeroviária em diferentes estados do Brasil

**Por Marcela Lisboa
e Cláudia Fonseca**

Na edição de 2014 da revista *Sobrevoando*, publicação anual do SNA (Sindicato Nacional dos Aeroviários), foi publicada a matéria *Elas também reivindicam – cresce a cada dia o número de mulheres no movimento sindical*. O objetivo era mostrar o aumento da participação feminina como representantes de suas categorias, falar sobre o projeto

de paridade da CUT (Central Única dos Trabalhadores), que em 2015 vai implementar uma cota de gênero de 50% de mulheres nas direções tanto estaduais como na nacional, e relatar o vertiginoso crescimento da inclusão das mulheres na direção do SNA. No início do mandato, em julho de 2013, essa entidade contava com apenas três

dirigentes do sexo feminino. Hoje, elas já somam 15 representantes espalhadas por todo o Brasil. Nessa edição apresentamos algumas das novas delegadas do SNA, mulheres que encontraram seu lugar em meio à luta por melhores condições de trabalho e se descobriram capazes de realizar ações que antes não faziam ideia que podiam.

Aeromulher

Fotos: Arquivo pessoal



Marta Camila de Oliveira

Marta Camila de Oliveira é assistente administrativa da VRG Linhas Aéreas (GOL) em João Pessoa (PB). Delegada desde setembro de 2013, ela acredita que essa é uma oportunidade de mudança para ela e para seus companheiros de trabalho.



Socorro Lacerda

Socorro Lacerda é mecânica de aeronaves da TAM Linhas Aéreas de Marabá (PA). Foi eleita em novembro de 2014. Por acreditar que sua luta é coletiva, busca melhorias para categoria no aeroporto onde trabalha.



Geisiane Lima de Sousa

Geisiane Lima de Sousa é agente de aeroporto da Gol Linhas Aéreas de Palmas, no Tocantins. Ela foi eleita delegada sindical em outubro de 2013 e deseja atuar em defesa dos trabalhadores.

Patricia Luzia Gomes Gomes

Há 12 anos na aviação, ela atualmente trabalha na Gol de Florianópolis (SC). Patrícia decidiu se tornar delegada após ser indicada por seus amigos de trabalho. Ela acredita que as mulheres têm muito a contribuir na luta de classe e devem cada vez mais incorporar esse movimento.



Luciôla Soares de Siqueira

A aeroviária é agente de aeroporto na empresa Azul, base de Vitória (ES). Há 15 anos na aviação e cinco na atual empresa, ela decidiu há pouco tempo incorporar o movimento sindical. A aeroviária participa dessa luta apenas há cinco meses, mas deixa clara a sua determinação e comprometimento com o trabalho sindical. “Vi que era chegada a hora de unir forças junto aos colegas e ao Sindicato, pois precisamos lutar por nossos direitos, já que sabemos bem qual é o nosso dever”, garante.



Sônia Lindo

Sônia Lindo, diferente das delegadas recém eleitas, já participa de seu segundo mandato na direção do SNA. Atualmente, a APAC (Agente de Proteção em Aviação Civil) da ProAir, que atua no Rio de Janeiro, é responsável pela pasta de Imprensa e Cultura do Sindicato. Sônia torce pelo aumento da inclusão feminina no movimento sindical e convida todas as companheiras a participarem, assim como ela, dessa luta.





Oito benefícios da extensão da licença maternidade

- 1 - Permitir o aleitamento materno exclusivo até seis meses, conforme orientação da OMS (Organização Mundial de Saúde), com todos os seus benefícios;
- 2 - Diminuir as chances de infecções pela passagem dos fatores de defesa via leite materno, reduzir as chances de obesidade e de doenças crônicas do adulto (diabetes, hipertensão, doenças cardiovasculares), bem como doenças alérgicas e autoimunes;
- 3 - Na mãe, diminuir a incidência de câncer de mama e de ovário, diabetes, osteoporose, além de reforçar o vínculo mãe-filho;
- 4- Diminuir também as internações hospitalares das crianças e das mães;
- 5-Permitir um melhor desenvolvimento cerebral. Nos primeiros seis meses de vida o cérebro cresce bem mais do que nos meses seguintes e o contato com a mãe e familiares favorece a maior formação de sinapses (conexões) entre os neurônios. Isso otimiza a evolução cognitiva da criança, tornando-a um adulto mais produtivo e mais útil para a sociedade;
- 6- Permitir um melhor desenvolvimento afetivo e uma melhor interação mãe-criança;
- 7-Diminuir a chance de a criança se tornar um adulto violento e envolvido com criminalidade;
- 8 - Diminuir a incidência de maus tratos infantis, pois a criança é cuidada durante mais dois meses pela própria mãe.

Conquista SNA

Extensão da licença maternidade beneficia mães e crianças

Nova cláusula da CCT é uma conquista dos Sindicatos filiados à FENTAC/CUT

Por Cláudia Fonseca

Candida Barros Simões tem 28 anos e realizou um dos maiores sonhos de sua vida. Deu à luz à sua primeira filha no final de fevereiro. O nascimento da pequena Lara, além de ser um momento especial para a mãe de primeira viagem, é a concretização de uma grande conquista para os Sindicatos da aviação filiados à FENTAC/CUT (Federação Nacional dos Trabalhadores em Aviação Civil/Central Única dos Trabalhadores).

11 Candida vai ser uma das primeiras aeroviárias a desfrutar a extensão da licença maternidade de quatro para seis meses, cláusula nova da CCT (Convenção Coletiva de Trabalho) dos aeroviários conquistada nas rodadas de negociação da Campanha Salarial 2013/2014, que entrou em vigor no dia 1 de dezembro do ano passado.

Passar esses dois meses a mais com a criança possibilita uma série de reflexos positivos no desenvolvimento do bebê. A pediatra Valdenise Martins Laurindo Calil, assessora de Acompanhamento da Licença Maternidade da SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria), lista uma série de benefícios que esse tempo a mais pode acarretar não somente para a criança, como também para suas mães. Entre eles, permitir o aleitamento materno exclusivo até seis meses, conforme orientação da OMS (Organização Mundial de Saúde) e diminuir na mulher a incidência de câncer de mama e de ovário, diabetes, osteoporose, além de reforçar o vínculo entre mãe e filho.

Segundo a pediatra, estudos comprovam que esse período de seis meses com a criança também diminui

as chances dela se tornar um adulto violento, envolvido com criminalidade. Por ter conhecimento da importância da extensão da licença maternidade de quatro para seis meses, em 2012 os Sindicatos Cutistas da aviação começaram a reivindicar a inclusão dessa nova cláusula na CCT para as trabalhadoras, durante as rodadas de negociação da Campanha Salarial. Mas apenas em 2013 as empresas aceitaram incluir esse benefício, após uma série de manifestações organizadas pelos Sindicatos e ameaças de greve durante a Copa do Mundo, sediada no Brasil.

DISCUSSÃO NACIONAL

Aeroviárias começaram a ter direito à extensão da licença maternidade em 2014, mas o debate nacional iniciou em 2005, quando a atriz Maria Paula questionou a SBP a respeito dos quatro meses de licença maternidade, quando a OMS recomendava seis de aleitamento exclusivo. Foi então que Dioclecio Campos Junior, presidente da entidade, redigiu um projeto de lei com o apoio da OAB (Ordem Brasileira dos Advogados). A então Senadora Patrícia Saboya aderiu o projeto, conseguiu adesão dos parlamentares, e em 2008 ele foi sancionado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Apesar de as funcionárias ficarem mais tempo em casa, a Lei 11770/08 ou Programa Empresa Cidadã também beneficia as empresas. De acordo com a Dra. Valdenise Calil, mulheres voltam às atividades laborais mais dispostas e tranquilas, em melhores condições de realizar suas funções. “As crianças também adoecem menos e suas mães

apresentam menor índice de falta no trabalho”, explica. A lei também representa economia para o Estado, em função da redução de internações e formação de adultos mais produtivos. Ainda assim, apesar de tantos benefícios para todas as partes, ela não é obrigatória, mas faz parte de um programa o qual as empresas decidem se desejam participar ou não. Foi preciso muita luta dos Sindicatos para que as companhias do setor aéreo aderissem ao projeto.

Selma Balbino, diretora executiva do SNA (Sindicato Nacional dos Aeroviários), foi uma das dirigentes que tomaram à frente nessa discussão e se alegra com a vitória conquistada para as trabalhadoras. “Essa cláusula permite que as companheiras mulheres possam ficar mais tempo com seus bebês, estreitando laços fraternais com as crianças. Essa relação é de suma importância no desenvolvimento dos filhos”, declara. A mais nova mãe, Candida de Barros Simões, vai experimentar bem essa sensação de proximidade com Lara. Auxiliar de limpeza na TAM de Maceió, a aeroviária comemora a conquista do SNA que vai permitir a ela passar mais tempo com sua filha. “Esses dois meses vão fazer muita diferença, pois minha filha vai estar mais espertinha e terei mais tempo para decidir onde a deixarei quando voltar a trabalhar. Vou poder aproveitar cada dia com a Lara, dar mais atenção em casa e amamentar até os seis meses. Ela vai precisar de mim por perto. A Lara foi o melhor presente que Deus me deu, só posso agradecer o Sindicato por essa conquista”.



Filhos

Benefícios do incentivo à leitura desde a primeira infância

Hábito desenvolve criatividade, capacidade de comunicação e raciocínio lógico, além de estabelecer vínculos afetivos com os pais

Por Cláudia Fonseca

Uma das lembranças mais bonitas que tenho da minha infância é de quando minha mãe separava um tempo do dia dela, me colocava no colo e lia para mim as historinhas da *Turma da Mônica*, famoso quadrinho de Maurício de Souza. Eu me divertia naqueles momentos especiais, em que ela interpretava, me apontava os personagens, explicava as figuras e depois me perguntava o que eu tinha entendido da estória, quando eu mal sabia falar.

Lembro que eu gostava de pegar as revistinhas e inventar minhas próprias narrativas, já que eu não conseguia decifrar aquelas letrinhas escritas

no balão. Com o tempo a leitura da minha mãe não era mais necessária para mim, já que iniciei na escolinha e era capaz de sozinha entender os diálogos da Mônica, do Cascão, da Magali e do Cebolinha. Ainda assim, admito que às vezes pedia que ela lesse um pouco, apenas pelo prazer da companhia dela.

Mas com o tempo aqueles quadrinhos já não me chamavam mais tanta atenção, até que, aos 9 anos, descobri meu primeiro livro, guardado em uma das estantes da “Vó Dina”, minha avó materna: *Jane Eyre*, romance de Charlotte Bronte publicado em 1847.

Depois disso, minha paixão por leitura apenas cresceu. Eu devorava todos os livros, e por ler tanto, desenvolvi uma ótima capacidade de escrever. E foi esse amor pelas letras que me fez optar pela carreira de jornalista que desempenho hoje. Tenho minhas dúvidas se, caso não fosse minha mãe e o incentivo que me deu desde a infância, eu teria descoberto esse amor pelas letras desde tão cedo.

Mas a leitura não necessariamente vai transformar uma criança em um jornalista, um professor de português, ou algo ligado a área de letras ou comunicação. Mas o incentivo à leitura

desde cedo resulta em uma série de pontos positivos no desenvolvimento cognitivo da criança, como explica Roseli Aparecida de Sousa, assessora pedagógica de uma das maiores editoras de livros do Brasil. Segundo ela, até a primeira infância a criança está no estágio que o epistemólogo suíço Jean Piaget denominou “sensório-motor”, no qual o mundo é percebido por ela por meio das sensações e dos movimentos de seu corpo.

“Assim, todos os estímulos recebidos potencializam sua forma de perceber o mundo e agir sobre ele. Isso inclui, naturalmente, ouvir histórias, principalmente contadas pelos pais, através das quais percebem sons e emoções que a ajudam no desenvolvimento emocional e no aprendizado da língua materna, fortalecendo vínculos afetivos. Durante a leitura a criança é estimulada a tocar no livro, a virar páginas, a olhar, a imitar sons, a formar vocabulário”, explica. Esse contato ajuda a criança a desenvolver, desde cedo, sua capacidade de comunicação com o mundo, aumenta o raciocínio lógico e a criatividade. Estimula a imaginação e a fantasia, promove a antecipação de vocabulário, não só quanto à quantidade, mas também quanto à qualidade.

De acordo com a pediatra Valdenise Martins Laurindo Calil, assessora de acompanhamento da Licença Maternidade da SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria), nos primeiros seis meses de vida o cérebro cresce bem mais do que nos meses seguintes e o contato com a mãe e familiares favorece a maior formação de sinapses (conexões) entre os neurônios. Isso otimiza a evolução cognitiva da criança, tornando-a um adulto mais produtivo e mais útil para a sociedade. A leitura não deixa de ser uma ótima maneira de estabelecer esse tipo de interação.

LEITURA NA GRAVIDEZ

Mas não é necessário que a mãe espere o nascimento da criança para que inicie o hábito da leitura. A professora de balé Ludmilla Silveira



Foto: Cláudia Fonseca

Ludmilla lia para sua filha Valentina desde o sexto mês de gestação. Segundo ela, a filha se mexia toda vez que iniciava a leitura.

Soares de Paula, hoje mãe da pequena Valentina, já lia para sua filha desde o sexto mês de gestação. “Sempre li que fazia bem para a criança ouvir a voz da mãe, então comecei a pesquisar histórias infantis na internet. E ela sempre mexia quando eu iniciava a leitura, parecia que entendia o que eu falava!”, lembra, animada.

A importância da interação entre mãe e filha nesse momento especial já tem comprovação científica. Segundo a pedagoga Roseli Aparecida de Sousa, existem estudos nas mais diversas áreas sobre a importância de a mãe ler para a criança desde a sua gravidez. “Há pesquisas na área da psicologia, neurociência, fonoaudiologia, pediatria e linguística. Todos são unânimes quanto aos benefícios da leitura durante a gravidez, tanto para a mãe quanto para o bebê. O principal deles é esse estreitamento de laços, capaz de proporcionar incríveis memórias afetivas durante toda a vida”, afirma.

A mamãe Adriana Ferreira Silveira de Souza conseguiu unir trabalho e atenção para o filho na gestação. Professora de crianças entre 2 e 3 anos na época em que estava grávida, ela sempre lia historinhas para seus alunos e, conseqüentemente, para o pequeno Matheus, que atualmente está com 3 anos. Ela explica que hoje a iniciativa da leitura já parte do próprio filho, apesar de ainda ser tão pequeno. “Eu trabalho com muitos livros.



Foto: Cláudia Fonseca

O pequeno Matheus, com apenas 3 anos, já pede para a mamãe Adriana que compre livros todas as vezes que passam em frente a alguma loja

Quando o Matheus tinha meses, eu colocava ele do meu lado e, quando me dava conta, ele estava virando as folhinhas. Como os livros ainda não eram para a idade dele, fui à uma feira e comprei vários, de acordo com a sua idade. Hoje, ele não pode ver um livro na rua que pede para eu comprar. Às vezes eu tenho que passar escondido dele por uma livraria”, brinca.

Mas Adriana explica que é necessário adaptar a leitura para a faixa etária das crianças. No caso de Matheus, que tem 3 anos, o ideal são histórias com muitas figuras e pouca escrita. Ela explica que é comum a criança pegar o livro e começar a inventar suas próprias estórias, isso trabalha a criatividade delas. “Na idade dele não precisa tanto de escrita, ele está descobrindo a figura. Quando conto histórias para as crianças, mostro a figura e elas começam a trabalhar a imaginação. Não adianta eu apenas contar uma passagem, elas querem ver a imagem do que está passando. Nessa idade, se você apenas falar e não mostrar figuras, a atividade vai ficar cansativa”, explica a professora.

ERA DIGITAL

Na era dos notebooks, I-pads, I-phones, entre outros jogos eletrônicos, a interação entre pais e filhos estabelecida no momento da leitura muitas vezes fica de lado. Ludmilla, mãe da Valentina, hoje com cinco

meses, decidiu junto com o marido que vai buscar, sempre que possível, desenvolver diferentes atividades com a filha, para que ela não inicie tão cedo a mexer no computador. Ela cita como referência a matéria que leu na coluna de André Barcinski, no site de notícias R7, intitulada “Não é autismo, é IPAD”.

No texto, publicado em 7 de janeiro de 2015, o colunista fala sobre a preocupação da fonoaudióloga Maria Lúcia Novaes Menezes, que depois de 30 anos de experiência começa a perceber um novo fenômeno. Pais chegam em seu consultório com a suspeita de que seus filhos são autistas, quando o que acontece na verdade é que as crianças estão tendo dificuldade no desenvolvimento de sua comunicação em função do uso prolongado de tablets, brinquedos eletrônicos e celulares, que inicia já a partir dos 2 anos.

Ludmilla lembra de um caso específico, quando estava viajando com a filha e o marido. Na beira de uma piscina estavam dois casais diferentes, ambos com filhas em torno de 4 anos. Uma delas estava o tempo todo no tablet e não dava trabalho, sua interação se resumia aos brinquedos eletrônicos, enquanto os pais conversavam tranquilamente. A outra, sem nenhum tipo de aparelho digital, corria, brincava e pulava, fazendo com que os pais tivessem que ficar o tempo todo atrás dela.

“A criança sem o jogo eletrônico dava mais trabalho? Claro que dava! Mas ela estava tendo uma interação maior com o mundo, com os pais. Ter filho é difícil. Não vou julgar ninguém, mas não quero ter uma filha que vai passar a infância toda em brinquedos de celular. É muito mais prático para mim e para o meu marido deixar a Valentina o dia todo no tablet enquanto fazemos nossas coisas, mas não é isso que queremos para ela”, conta. A tecnologia e ciberespaço são realidades contra as quais não se pode lutar. Mas é preciso que os pais estabeleçam limites e tenham bom

Aeromulher

O que considerar na seleção dos livros para crianças

Faixa etária	Características da leitura
1 a 2 anos	Idade em que a criança não se prende a uma estória. O que interessa é o movimento, o tom da voz e o colorido das páginas.
2 a 3 anos	Despertam interesse as estórias curtas, com poucos detalhes e personagens. A criança vive a narrativa como se fosse real, tudo tem vida.
3 a 5 anos	É o período em que as estórias passam a ser mais elaboradas. É possível narrar contos com mais riqueza de vocabulário, com desenvolvimento simples e de fácil compreensão.
6 a 7 anos	É um momento novo. Às vezes, com dificuldade, a criança começa a ler, decifrando o código escrito e apropriando-se do texto. Estórias curtas, com o vocabulário simples, são as mais indicadas.
8 a 9 anos	É a fase das estórias engraçadas, bem humoradas. Os gibis são ótimos, especialmente quando aliam essas características à questão estética, com um texto leve e de fácil compreensão.
9 a 10 anos	Idade de interesse por textos mais longos, estórias mais ricas em personagens, diálogos e situações. Os temas que mais atraem são os de aventura, ficções fantásticas e histórias reais.
11 anos em diante	O interesse cresce a partir de fatos reais, polêmicos, ligados a temas da realidade social. Há também interesse por grandes aventuras, invenções do mundo moderno e estórias do futuro.

Fonte: Pedagoga Roseli Aparecida de Sousa

senso em relação a exposição das crianças a aparelhos eletrônicos.

Com jogos eletrônicos ou não, o importante é buscar sempre desenvolver o raciocínio lógico e a criatividade na criança desde cedo. A pedagoga Roseli Aparecida de Souza explica que quanto mais os pais conversarem com as crianças, desde a gestação, inclusive, maiores serão os vínculos afetivos estabelecidos, que vão fazer com que se sintam amadas e respeitadas. “Isso permite aos filhos, sobretudo, repertórios que associados a esses vínculos promovem segurança e autonomia para agirem sobre o mundo. E nada substitui o exemplo de adultos influentes, assíduos leitores, na vida dessas crianças”, afirma.

Mas, infelizmente, essa não é a realidade na maioria dos lares. Pelo menos essa é a avaliação de Adriana Souza, que leciona há oito anos.

15 “Cada escola tem um procedimento diferente. Onde trabalho, a cada 15 dias mandamos um livro para casa, junto com um folheto que deve ser preenchido pelos pais, com o relato de como foi a reação da criança durante a leitura. Mas nem metade dos pais fazem isso, por alegarem falta de tempo”, lamenta.

Ela explica que não basta apenas deixar o livro com a criança. O adulto deve interagir junto com ela, explicando o que é cada uma das figuras, perguntando o que ela achou de determinada parte da estória. A falta de tempo não deixa de ser uma realidade para ninguém. Agora que voltou a dar aulas de balé, Ludmilla conta que seu tempo com a Valentina diminuiu muito, mas ela garante que isso não vai impedir que continue lendo para a filha. O trabalho é árduo, mas quanto a isso, Adriana, professora e mãe de Matheus, tem um desejo: “Eu espero, sinceramente, que os pais percam pelo menos 30 minutos do seu dia para ter esse tipo de interação com seus filhos”. Esses 30 minutos podem fazer diferença em uma vida inteira.



Foto: Arquivo Pessoal

Eu, com minha mãe, a quem devo minha carreira e os sucessos que estão por vir, já que foi ela quem me incentivou a criar o hábito da leitura quando eu ainda nem sabia falar



“Tenho muito orgulho de ser negra e de ter cabelo afro. Sou apaixonada pelo meu cabelo, ele é a minha identidade e eu não trocaria por nada! Algumas pessoas me perguntam como eu faço para ter um cabelo assim. Eu abro um sorriso e respondo, toda feliz: ele e eu nascemos assim!”

Ana Paula Quevedo, 30 anos, atriz

Cabelo e identidade negra

Por Conceição de Maria P. A. Rosa
Pós-graduada nos Estudos Culturais
e Históricos da Diáspora Africana

Durante minha infância, o cabelo foi motivo de muitas recordações, resmungos e irritações. Toda noite minha avó prendia minha irmã e eu entre suas coxas, para enrodilhar os cabelos e fazer coques. Quando ingressei no antigo primeiro grau, os meninos riam do meu cabelo crespo. E foi pensando nestas cenas que decidi escrever *Qual o pente que te penteia – identidade da mulher negra macaense*.

Durante as entrevistas para esse trabalho, fiz uma análise sobre o significado do cabelo na vida das mulheres negras macaenses de diferentes classes sociais e abordei

o cabelo como construção do processo identitário.

O cabelo constrói uma imagem negra que está em contraposição à representação dominante da sociedade. Ele é visto como ruim, expressa o racismo e a desigualdade racial. O corpo e o cabelo têm um papel importante porque são símbolos da identidade negra. E esse corpo e esse cabelo participam de espaços sociais que ora são aceitos, ora não, dependendo do olhar em que o outro os observe. Há um conflito de rejeição e aceitação que perpassa da infância até a idade adulta.

Compreender a relação do negro

17



Foto: Arquivo pessoal

“Minha mãe aprendeu que alisar cabelos era sinônimo de cuidado, limpeza, boa aparência e praticidade. E isso me foi passado cotidianamente. O cabelo, em especial o cabelo crespo, pode ser uma linguagem, uma atitude política a ser tomada. Pode ser como a gente se machuca ou também como exercemos liberdade”.

Erly Guedes, 28 anos, jornalista e mestranda em Comunicação e Cultura pela UFRJ

Aeromulher



Foto: Arquivo pessoal

“Ao assumir o cabelo afro, a mulher se conecta com sua ancestralidade. O cabelo simboliza o empoderamento e a identidade da mulher negra”

Danusa Pio, 30 anos, esteticista

contemporâneo com o cabelo é não desconsiderar a relação entre o passado (processo de coisificação do escravo e a interação na sociedade brasileira após abolição) e o presente, a história, a sociedade e o indivíduo. O racismo é um mecanismo que desconstrói a sociedade, porque é preso a não aceitação e ao processo histórico que vive o negro desde a escravidão. A exclusão social o torna inferior pelos traços apresentados; cabelo crespo, nariz achatado e cor da pele. Todos esses elementos influenciam a imagem do afro-

descendente e afeta a identidade. Então, reforça-se o mito de que o sujeito negro precisa estar sempre bem apresentado para ser respeitado, ouvido e para conseguir emprego. Em um dos relatos que ouvi, uma cabeleireira afirmou que as clientes que atende em seu salão negam seu cabelo e a própria identidade. Apenas depois do “alisamento” ou “relaxamento”, em que sempre pedem para ficarem parecidas com as negras americanas, sentem-se bonitas, projetadas no espelho. Após o tratamento, elas dizem “agora posso me olhar no espelho, porque estou com um lindo cabelo”. Se a mulher quiser assumir um cabelo natural crespo, há críticas porque o padrão imposto é liso, além do preconceito enraizado que o caracteriza como “ruim”.

Em um dos depoimentos, uma jovem definiu o cabelo rastafári como um elemento que impede a inserção no mercado de trabalho. “Para manter o cabelo parecido com a mulher branca é preciso usar química. Queremos sempre manter o pixaim lindo e brilhoso, porque se usarmos o cabelo natural em uma entrevista de trabalho, as pessoas reparam, e aí está o preconceito. Tem que se igualar a uma pessoa branca para ser aceita no mercado. Se uma pessoa for com cabelo rastafári à entrevista não vai passar, precisará cortar. O preconceito está enraizado na sociedade, por mais que digam que não existe”.

No livro *Cabelos de Axé*, Raul Lody cita que no contexto dos povos yorubás e foneweé, pentear os cabelos é uma tarefa familiar. Cuidar dos cabelos das filhas também é uma tarefa doméstica, como cozinhar, limpar a casa, lavar a roupa. Criar penteados é uma forma de retomar histórias, memórias pessoais e outras lembranças de significados mitológicos, unindo assim o sagrado ao cotidiano. O penteado é muitas vezes a única forma de se saber a que grupo étnico pertence o indivíduo. Nos depoimentos que recolhi, as mulheres relataram suas histórias de maneira semelhantes às tradições

Aeromulher

africanas, mas na adolescência e idade adulta optaram pelo cabelo liso. Uma das entrevistadas garantiu que esse é o padrão das clientes nos salões de beleza. Segundo ela, a tecnologia e os produtos do mercado apontam para o liso, fogem das nossas tradições. Ela diz que a influência da mídia também leva as mulheres a alisarem os cabelos, sem perceberem que estão se distanciando da verdadeira etnia e fortalecendo a técnica de embranquecimento.

Quando crianças, somos educados a nos afastar de tudo que é ruim, o que inconscientemente constitui-se um distanciamento do cabelo crespo. É difícil ficar diante de um rosto negro e de um cabelo que não é aceito pelo outro, por conseguinte, pelas próprias mulheres. Na sociedade, dependendo de onde estivermos atuando, precisaremos negociar uma identidade que não condiz com o que pensamos, contudo, reflete o que o outro define como identidade para cada um de nós. A mudança de penteado e estilo de cabelos define o indivíduo pós-moderno, que não fixa sua identidade e adota outras identidades para ser aceito como corpo, cabelo e cor de pele.

É preciso que a mulher se reconheça como pertencente à etnia negra e questione se os tratamentos para o cabelo crespo tiram ou não suas identidades, se são técnicas de embranquecimento ou não, se têm traços do colonialismo ou não. A maioria das mulheres que entrevistei não se vê embranquecida com as químicas usadas. Elas alisam o cabelo para que diante do espelho se sintam arrumadas, porque a primeira coisa que observam em um ambiente social é o cabelo.

Nilma Gomes, no livro *Sem perder a raiz*, cita que o cabelo “afro”, também considerado por alguns como Black Power, foi tido como um estilo político do movimento de contestação dos negros, desencadeado a partir da década de 60, fazendo com que saíssem do lugar de inferioridade racial. Ainda hoje, no século XXI, as

mulheres estão na luta pela aceitação da negritude e também de seus cabelos, percebidos como diferencial de um estilo e da própria identidade.

O enigma será descobrir o segredo que está detrás da máscara social, é se aceitar como negro e colaborador do movimento que articula uma luta contra o racismo, além da referência a própria identidade. Afirmar-se como negro em uma sociedade preconceituosa é procurar caminhos que levem à discussão da democracia racial. É combater o racismo com todas as argumentações possíveis e permitidas. O cabelo é marca da procedência étnica e insere o indivíduo na cultura; quando o negro assume o cabelo, assume o papel social.



Foto: Arquivo pessoal

“Eu não mudaria por nada meu cabelo afro, sempre curti esse estilo. Eu me amo assim.”

Nathalia Teofilo, 25 anos, auxiliar de escritório

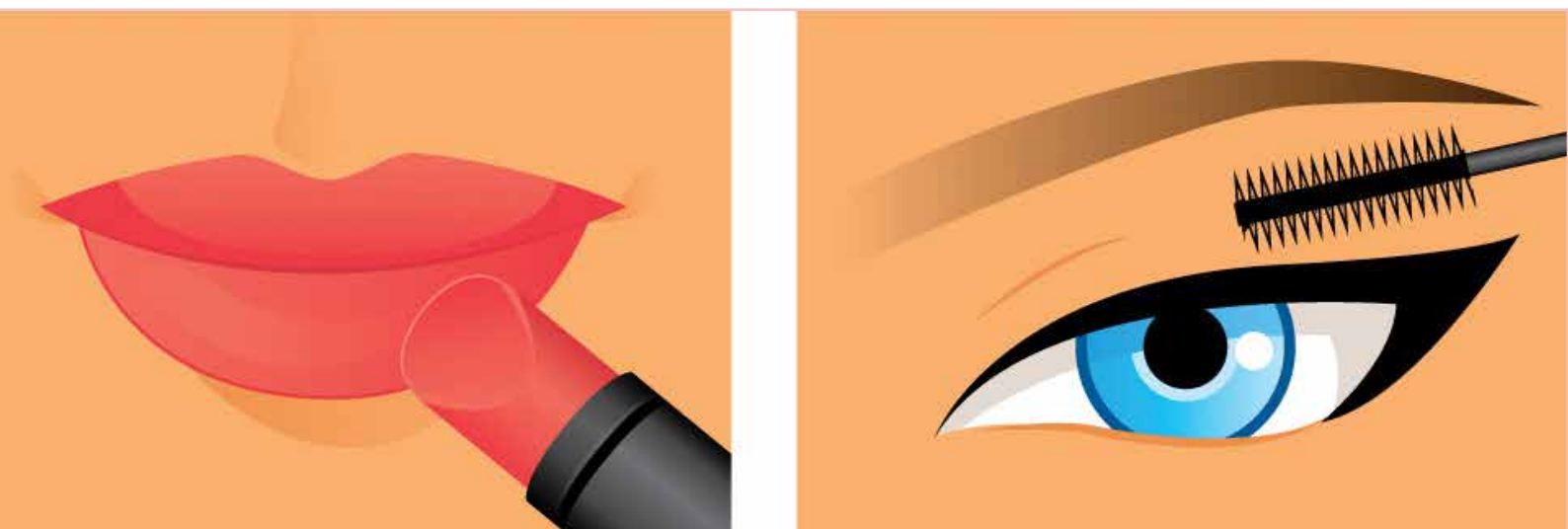
Aeromulher

unifome

Sou sua funcionária, mas o estilo é meu

Até que ponto a empresa pode interferir na aparência de seus contratados em nome da boa apresentação aos clientes

Por Cláudia Fonseca



“Olá. Trabalho como agente de aeroporto na Gol, base de Navegantes. Nós temos algumas dúvidas aqui. A empresa exige que as meninas trabalhem maquiadas, com as unhas feitas e pintadas com a cor determinada pela chefia. Gostaria de saber se isso pode ocorrer”. A dúvida, que abrange centenas de trabalhadoras de todo o Brasil, foi enviada para a página no Facebook do Sindicato Nacional dos Aeroviários, em dezembro de 2014. No mesmo ano em que os Sindicatos filiados à FENTAC/CUT (Federação Nacional dos Trabalhadores em Aviação Civil/Central Única dos Trabalhadores) reivindicaram que as companhias aéreas disponibilizassem kit maquiagem para as aeroviárias, quando a maquiagem for uma exigência, fica a dúvida: até que ponto uma empresa pode interferir na aparência de seus funcionários? Apesar de o uniforme ser uma obrigação em muitos locais e a apresentação adequada ser

exigência comum àqueles que lidam diretamente com o público, a individualidade de cada profissional deve ser respeitada e limites para imposição da dita “boa aparência” precisam ser estabelecidos. Andreia Sinestri, assessora jurídica do SNA (Sindicato Nacional dos Aeroviários), acredita que a interferência da empresa deva ser mínima, pois cada um tem um jeito de se sentir bem. Segundo ela, o aceitável são exigências de elementos de higiene pessoal, como cuidados básicos com unhas, barba, cabelos, postura e o uso de roupas adequadas para a função exigida.

No caso das aeroviárias que atuam no check-in dos aeroportos, além desses cuidados mínimos, também é exigido o uso de maquiagem. Mas isso não quer dizer que a empresa possa determinar a cor do batom ou da sombra que sua funcionária vai usar. A única coisa que deve ser cobrada de uma funcionária é o bom senso em sua

Aeromulher

apresentação, sem exageros. Agora vale lembrar que da mesma forma que muitas mulheres gostam de se maquiar, muitas outras não gostam, assim como nem todo mundo gosta do uniforme disponibilizado pela sua empresa. Portanto, se a exigência da maquiagem é feita, ela deve ser entendida como parte do uniforme, logo, nada mais justo do que esperar que a contratante arque com esse tipo de custo.

Isso faz com que a reivindicação dos Sindicatos Cutistas de que empresas disponibilizem o kit maquiagem para essas aviárias seja plenamente coerente. A prática já deveria ter sido implementada há muito tempo pelas companhias aéreas. “Considero que a maquiagem, nesse caso, deve ser tratada como uniforme. E sempre que a empresa exige o uso de um tipo específico de roupa, ou no caso maquiagem, ela deve custear tais despesas”, avalia a Dra. Andreia Sinestri.

CRITÉRIOS PARA CONTRATAÇÃO

“Ter boa aparência” já foi requisito utilizado em muitos anúncios de

emprego. Apesar de hoje essa exigência ser proibida, nada impede que empresas utilizem esse critério para contratação. Porém, caso a (o) candidata (o) comprove que no processo seletivo, ou mesmo durante sua atividade de trabalho, houve qualquer tipo de conduta discriminatória, ela (e) deve buscar assistência jurídica. Nessas situações, a empresa sofre penalidades legais, como o ressarcimento por danos morais à parte ofendida.

Cor da pele, dos cabelos, peso, altura, não são critérios de contratação e muito menos definem o desempenho de um bom profissional. Mais do que se preocupar com a aparência de seus funcionários, as empresas devem se esforçar em garantir boas condições de trabalho, para que seus empregados atuem satisfeitos e desempenhem suas funções com prazer. Um atendimento diferenciado, feito por alguém que está feliz em sua função, é o que faz, de fato, verdadeira diferença para o cliente.

Apesar de o uniforme ser uma obrigação em muitos locais e a apresentação adequada ser exigência comum àqueles que lidam diretamente com o público, a individualidade de cada profissional deve ser respeitada e limites para imposição da dita “boa aparência” precisam ser estabelecidos

Preconceito não voa, fica no chão

O posicionamento das empresas em relação à apresentação dos funcionários também pode ser positivo, como aconteceu no final de janeiro desse ano. Um cliente da Aerolíneas Argentinas entrou na página do Facebook da companhia aérea e reclamou do “baixo nível das aeromoças”. Segundo ele, “antigamente, eram altas, esbeltas, impunham respeito, agora a empresa tem mulheres baixas e gordas, deixando a desejar”.

A resposta dada pela assessoria da Aerolíneas ao comentário para lá de preconceituoso não poderia ter sido melhor: “Esses são os requisitos para ser comissária de bordo: ser maior de 18 anos; altura para mulheres de 1,63 a 1,75 e de homens de 1,70 a 1,85; nacionalidade argentina; ensino médio completo; Licença de Tripulantes para Cabine de Passageiros; domínio em inglês; saber nadar. Os preconceitos não voam e nós os deixamos em terra. Abraços”. O caso não apenas chamou a atenção nas redes sociais, como virou pauta em diferentes sites de notícias.

Os padrões de beleza socialmente estabelecidos estão longe do biótipo comum da maioria das mulheres. O que as empresas devem exigir de suas funcionárias é profissionalismo e bom senso em sua apresentação ao público. Para a advogada Andreia Sinestri, a postura do cliente da Aerolíneas não deve ser aceita por ninguém. “A mulher não pode ser considerada um objeto para decoração. O que as empresas devem buscar são pessoas que independente das suas características físicas realizem suas atividades de forma feliz e eficiente. Não podemos aceitar qualquer tipo de discriminação”.

Doenças Psicossomáticas

Assédio moral praticado nas empresas pode resultar em patologias de fundo emocional

Por Felipe Aveiro

Profissionais da aviação estão familiarizados com muitos dos problemas e doenças que seu ambiente de trabalho é capaz de causar. Aeroviários e aeroviárias conhecem bem os riscos mais comuns de se trabalhar em um aeroporto, como baixas de audição devido à exposição contínua a altos ruídos e problemas na coluna ou quadril pelo sustento de volumes muito pesados. Há ainda trabalhadores que sofrem acidentes devido ao risco inerente às suas funções. Mas são poucos aqueles que conhecem ou dão a devida importância às patologias de origem psíquica, ou seja, as ainda desconhecidas doenças emocionais ou psicossomáticas.

Em geral são causadas por estresse, aliadas a algum nível de insatisfação pessoal. Trata-se de uma influência da nossa mente sobre a saúde do corpo. A doença psicossomática geralmente apresenta alterações físicas que podem ser detectadas através de exames laboratoriais, apesar da causa emocional. Por isso, além do acompanhamento médico é necessário que se busque auxílio psicológico. Inabilidade social, angústia, medos, raiva, depressão, ansiedade e dificuldade de expressar os sentimentos são outros fatores que afetam o emocional de uma pessoa, debilitando ainda mais o corpo como um todo. Muitas vezes um paciente é tratado unicamente com medicamentos para a doença que apresenta, quando na verdade seria necessário também a psicoterapia para a solução do problema.

O psicanalista Rogério Rodrigues afirma que independente de ser psicossomática ou não, todas as doenças têm sua carga emocional e afetiva. Mas algumas apresentam um mecanismo de desencadeamento que detona os sintomas físicos a partir de uma reação psíquica. “Tudo aquilo que você não verbaliza, o corpo fala. Nosso corpo sempre busca um mecanismo de expressar, de uma forma ou de outra, tudo aquilo que estamos sentindo”, explica. Mas o problema, segundo ele, é que a forma como o corpo fala nem sempre é compreendida claramente, o que faz com que não seja fácil identificar uma patologia psicossomática. A maioria das pessoas acaba buscando uma “explicação orgânica”, que muitas vezes é apenas a consequência e não a causa do problema.

ASSÉDIO MORAL PODE DESENCADear DOENÇAS DE FUNDO NERVOSO

Ionara Anzanello é curitibana, tem 50 anos, e foi por muitos anos funcionária da Varig. Mas foi na Azul Linhas Aéreas, onde trabalhou por quase cinco anos, onde seus problemas começaram. Ela está afastada de seu cargo de agente de aeroporto desde 2011 por apresentar um quadro de fibromialgia, síndrome caracterizada por dores musculares, fadigas e distúrbios do sono, que pode ser resultado de stress prolongado. “Eu nem sabia que minha doença podia ter sido causada em função do assédio moral”, lamenta. Ela lembra com tristeza da vez em que a supervisora chamou sua atenção na



Foto: Banco de Imagens

frente do resto da equipe. Ela estaria “atrasando o voo”, já que levava muito tempo no atendimento aos clientes. Ionara estava habituada ao tipo de trabalho que desenvolvia na Varig, onde as normas internacionais de segurança eram a prioridade, não a pressa no atendimento.

Esse foi apenas um dos casos mais marcantes de sua trajetória na Azul. Houve ainda outras situações delicadas que a fizeram sofrer e até mesmo chorar, como quando a supervisora colocou o dedo em seu rosto durante uma bronca. Ela já se sentiu ignorada pela chefia e chegou a ter a verba da passagem cortada. Desmaiou de cansaço duas vezes por trabalhar longas horas em pé, fazer dobra de jornada e não se alimentar corretamente. Ela também desenvolveu uma cistite, um tipo de inflamação na bexiga geralmente causada em quem não tem tempo de ir ao banheiro de forma regular, além de uma bursite no quadril, que lhe causa dor. Hoje, Ionara sente pânico ao entrar no aeroporto e está distante daquela trabalhadora animada que um dia recebeu o prêmio “Funcionária Alto Astral” da Azul.

O psicanalista Rogério Rodrigues explica que como o trabalho ocupa um tempo muito grande na vida da pessoa, é impossível que não haja consequências negativas para alguém que não está

indo bem em seu ofício. Em geral, um terço do dia é dedicado exclusivamente a essa atividade, sem contar o tempo de deslocamento diário.

UM RISCO INVISÍVEL

Apesar de ser um assunto que só recentemente começou a ser discutido no Brasil, o assédio moral ou a violência moral no trabalho é algo tão antigo quanto o próprio trabalho. O debate no país foi impulsionado após a divulgação da pesquisa realizada pela brasileira Margarida Barreto. Em sua dissertação de Mestrado em Psicologia Social, defendida em 2000 na PUC/SP sob o título “Uma jornada de humilhações”, a pesquisadora fez a primeira reflexão séria sobre o tema em solo brasileiro. O jornal *Folha de São Paulo* publicou uma matéria naquele mesmo ano que falava sobre a pesquisa da psicóloga e desde então esse tem sido um tema presente em diversos meios de comunicação por todo o país. Um assunto tão importante deve ser discutido amplamente em sociedade e tem sido feito em particular no movimento sindical.

O advogado Rafael Aveiro explica que o assédio moral é a exposição de um trabalhador ou trabalhadora a situações humilhantes e constrangedoras, muitas vezes de forma repetitiva e prolongada

Aeromulher

durante a jornada de trabalho. “É mais comum do que a gente imagina. Em geral, acontece em relações hierárquicas autoritárias, quando predomina uma conduta negativa de um ou mais chefes em relação aos seus subordinados”, conta. Essas atitudes desestabilizam a moral da pessoa e muitas vezes fazem com que o trabalhador ou trabalhadora desista do emprego.

Apesar de um risco aparentemente invisível, o assédio moral é um problema concreto nas relações e condições de trabalho. A humilhação repetitiva interfere na vida dos profissionais de modo direto, comprometendo não só a dignidade, como também suas relações sociais e afetivas, ocasionando muitas vezes graves danos à saúde física e mental. Segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho), as perspectivas não são nada boas. De acordo com a entidade, essas são as décadas do “mal estar da globalização”, onde predominam depressões, angústias e outros problemas psíquicos. Muitos estão relacionados diretamente com as novas políticas de gestão e organização do trabalho, vinculadas às políticas neoliberais, onde predominam o individualismo e a busca incessante do lucro por parte das empresas. Na maioria das vezes o bem-estar dos funcionários é deixado de lado em nome da maximização dos ganhos das empresas.

ASSÉDIO MORAL É CRIME

Assédio moral é crime, segundo o artigo 136 do novo Código Penal Brasileiro. Com base no decreto-lei nº 4.742 de 2001, o Congresso Nacional deliberou sobre o tema que deve ser tratado com rigor, podendo acarretar pena de um a dois anos de reclusão. No mesmo artigo consta ainda que desqualificar reiteradamente a auto-estima, segurança ou imagem de um servidor público ou empregado, em razão de vínculo hierárquico funcional ou laboral, pode causar a detenção de

três meses a um ano, além de multa. O processo é válido tanto para pessoa física (a chefia), como para pessoa jurídica (a empresa). O resultado de uma possível ação vai depender de cada caso, é importante que se busque ajuda profissional para tratar de cada situação específica.

Embora seja difícil identificar todos os casos de assédio moral e saber lidar com cada um especificamente, o melhor a ser feito é procurar auxílio de um advogado que possa orientar esse trabalhador. O caso de Ionara é um exemplo clássico de patologia psicossomática que envolve assédio moral no trabalho e atinge milhares de pessoas que sequer têm consciência de sua condição de vítima de uma agressão que pode resultar em doença. Caso algum profissional se sinta coagido em seu ambiente de trabalho, ele deve, imediatamente, acionar seu Sindicato.

24

Como evitar doenças psicossomáticas?

Não existe uma forma pronta para evitar as doenças psicossomáticas, mas existem algumas maneiras de aliviar o stress que gera a patologia.

Exercícios físicos - Trabalhadores que fazem exercício físico com regularidade apresentam menor quadro de estresse. Um corpo saudável também tem mais resistência para sustentar o dia-a-dia do trabalho árduo.

Yoga – Também grafado como “Ioga”, é uma atividade que envolve as tradicionais disciplinas físicas e mentais surgidas na Índia, geralmente associadas ao Budismo ou ao Hinduismo. As meditações são reconhecidas por auxiliarem na diminuição do estresse causado pela conturbada vida nas grandes cidades. Além de fácil, pode ser praticada em casa.

Terapias alternativas – São diversas as possibilidades de trabalho com a terapia alternativa. Terapias ocupacionais, música e trato com animais domésticos são formas internacionalmente reconhecidas de acalmar um paciente e trabalhar suas ansiedades.

Creche para aeroviárias

Você conhece esse direito garantido pela Convenção Coletiva de Trabalho?

Por Cláudia Fonseca

Toda aeroviária tem direito ao pagamento da mensalidade de creche para seus filhos, até que a criança complete dois anos. Segundo a cláusula 30 da CCT (Convenção Coletiva de Trabalho), as empresas devem arcar com esse custo até 24 meses após o parto. O problema é que, infelizmente, boa parte da categoria desconhece sua Convenção e acaba não cobrando o direito aos seus empregadores.

Para ampliar a cláusula, na última Campanha Salarial os sindicatos filiados à FENTAC/CUT (Federação Nacional dos Trabalhadores em Aviação Civil/Central Única dos Trabalhadores) tentaram incluir na CCT da categoria a extensão do direito não apenas para as aeroviárias, como também para os aeroviários, por entenderem que existem diferentes formações familiares e que todos os funcionários deveriam ser contemplados com o benefício.

Acontece que as empresas aéreas ainda mantêm o pensamento machista de que as mães detêm a responsabilidade de criação dos filhos, logo, se um aeroviário é casado com uma mulher que não faz parte da categoria, é a empresa da mulher que deve garantir esse direito. Esse é o discurso dos empregadores. Além de creditar toda a responsabilidade unicamente para a mulher, ainda desconsideram situações em que homens são os únicos responsáveis pela criação de seus filhos.

Mas a direção dos Sindicatos Cutistas não vai desistir de reivindicar esse direito, que deve abranger toda a categoria. Enquanto isso não acontece, dirigentes sindicais orientam as aeroviárias a exigirem das empresas o cumprimento dessa cláusula, que foi conquistada



por meio de muita luta pelo SNA (Sindicato Nacional dos Aeroviários). Quem quiser consultar a CCT pode acessar o site www.sna.org.br e clicar no link *Convenções*, na parte superior da página.

Cláusula 30

Garantia de creche à aeroviária

O Sindicato Nacional dos Aeroviários indicará às empresas as creches distritais com as quais as empresas assinarão convênio (nas condições de mercado), cujo custo ficará por conta das empresas durante 24 (vinte e quatro) meses após o parto.

30.1. Para a determinação das creches mais apropriadas à necessidade das aeroviárias, o Sindicato Nacional dos Aeroviários contará com a colaboração das empresas para coleta de subsídios;

30.2. Nas condições acima estabelecidas, as empresas poderão optar por adotar o sistema de reembolso creche, mediante a apresentação de nota fiscal do estabelecimento de ensino.





Perfil

Graziella Baggio

Protagonista de uma história de lutas, a ex-presidente do Sindicato Nacional dos Aeronautas fala sobre sua trajetória

Por Cláudia Fonseca

Muitas pessoas passam a vida sem conseguir alcançar seu grande sonho, boa parte delas sequer luta por essa conquista. Não foi o caso de Graziella Baggio, que aos 20 anos já realizava o seu. Em 1977 ela passaria para um concurso público da Vasp e se tornaria comissária de voo, desejo que nutria desde a infância. Ela só não imaginava que esse sonho criaria asas capazes de subir tão alto. Em 1999, Graziella se tornaria a primeira presidente mulher do Sindicato Nacional dos Aeronautas, cargo que exerceu durante mais dois mandatos após sua primeira posse. Hoje, aos 58 anos, ela pode dizer que sua vida foi marcada pela realização profissional e intensa trajetória como dirigente sindical.

Ambas foram resultado da influência exercida por situações familiares. Filha de italianos que não tinham parentes no Brasil e sonhavam em retornar à terra natal, ela cresceu sendo levada ao aeroporto com frequência. “Acho que isso me influenciou muito”, acredita. Já o lado contestador ela garante ser uma forte influência de seus avós, que foram socialistas e lutaram pelos trabalhadores durante a II Guerra Mundial. Anos depois nascia a menina que sonhava em trabalhar nos céus e se tornaria uma referência na luta

sindical no Brasil.

Em 1975, aos 18 anos, Graziella Baggio começou a trabalhar no setor de processamento de dados da Varig. Depois disso ela seria transferida do Rio de Janeiro para São Paulo, onde atuou no setor de reservas. Dois anos após seu início na aviação, ela se tornaria aeronauta na Vasp. Casou aos 24 anos com um comandante da mesma empresa e conseguiu conciliar o amor entre marido e o encantamento pelos céus. Mas transitar entre a rotina dos voos e os afazeres do lar era tarefa mais difícil. E a situação não facilitou quando em 1981 ela entrou para a antiga ATV (Associação dos Aeronautas da Vasp) e em 1984 participou da chapa vencedora para as eleições do Sindicato Nacional dos Aeronautas. “Fui convencida com facilidade a integrar o movimento sindical, pois já corria em minhas veias a vontade de lutar por melhores condições de trabalho, salários, saúde, dignidade e respeito”, recorda.

Graziella não entrou no movimento por acaso. Ela lembra com saudosismo do empenho do Comandante Miguel Arnet, da Varig de Manaus, em convencê-la a participar da eleição sindical. Segundo ela, a persistência foi algo marcante em sua vida.

“A Vasp tinha um pernoite em Manaus muito parecido com o pernoite da Varig. Logo após a minha chegada, o comandante argumentou durante horas a necessidade de uma comissária na chapa que ia concorrer em 1984. Ele falou sobre a importância da representação, explicou o que era o trabalho sindical, relatou o histórico da chapa na época, tudo com o objetivo de conseguir que eu e outros comissários fizéssemos parte desse processo”, lembra. Já naquela época, era bastante difícil os aeronautas se disporem a participar ativamente do movimento sindical. Principalmente aeronautas mulheres.

ENFRENTANDO O MACHISMO

Não era fácil conciliar a condição de mulher, dona de casa e profissional que trabalha fora, mas foi no movimento sindical que Graziella se deparou com suas principais dificuldades. Dirigido por uma maioria esmagadora de homens, ela teve que enfrentar o preconceito não só por ser uma mulher de luta, como por ser uma mulher de luta e com voz ativa para comandar um dos Sindicatos de maior representatividade no Brasil. Assumir a presidência da entidade não foi tarefa



Graziella Baggio presta esclarecimento aos aposentados e pensionistas do Plano Aerus no Rio de Janeiro, durante assembleia realizada no auditório do Sindicato dos Bancários, no dia 25 de julho de 2014

simples. Em 1999, o Comandante Fernando Colares renunciou ao cargo de presidente do Sindicato Nacional dos Aeronautas, após inúmeras denúncias sobre sua administração junto ao FAD (Fundo de Auxílio Desemprego). Além dele, também estavam envolvidos no escândalo outros dois membros da direção executiva. Por ser, na época, Secretária Geral, nada mais óbvio do que a indicação dos demais dirigentes para que ela assumisse o posto recém desocupado. Mas a decisão tomada pela direção de eleger Graziella Baggio como a nova presidente do Sindicato Nacional dos Aeronautas foi acompanhada por tristes consequências. Alguns pilotos da própria direção a discriminaram e a evitaram por um longo período.

“A cultura de formação dos aeronautas, principalmente dos pilotos, seguia muito a formação dos militares. Para eles, aceitar uma comissão de voo pela primeira vez na presidência do Sindicato foi penoso. Muitos deles se afastaram da direção e deixaram de participar ativamente das atividades relacionadas ao Sindicato, mas

para cobrar e fazer as suas críticas, eles estavam sempre atuantes”, conta. Os anos passaram, mas apesar das afirmações de senso comum de que hoje as mulheres ocupam um grande espaço e há, de fato, igualdade nas relações de gênero, até o final de sua gestão, em 2013, Graziella afirma ter sofrido discriminação dos aeronautas mais novos, que não conheciam a história do Sindicato, intimamente ligada a sua própria história.

Em uma cultura onde homens que tomam à frente de movimentos sociais são considerados líderes, mas mulheres que têm a mesma postura são consideradas “mandonas” e têm sua imagem associada a adjetivos pejorativos, Graziella precisou de muita força para se manter firme em seu trabalho. “Sempre fui muito direta e exigia que as atividades fossem realizadas de maneira efetiva. Eu era cobrada em todos os aspectos dos associados, tanto políticos como administrativos”.

CASO AERUS

O caso Aerus teve seu início no fim da década de 80. Nesse período, as então grandes

empresas do setor aéreo conseguiram autorização da Secretaria de Previdência Complementar para usar o dinheiro do fundo de pensão. O objetivo era utilizar este recurso como forma de compensar as perdas após o congelamento das tarifas de passagens aéreas. O problema é que essa verba nunca foi repostada e os funcionários que trabalharam toda a sua vida, sob a crença de uma aposentadoria segura, se viram em uma desesperadora situação de desamparo, agravada em 2006, quando o fundo de pensão foi liquidado. Aposentados e pensionistas do Plano Aerus passaram a receber apenas 8% do que teriam direito. As histórias trágicas de pessoas que não tinham mais como prover o sustento de suas famílias são inúmeras. E apesar da incansável luta de organizações como a FENTAC/CUT (Federação Nacional dos Trabalhadores em Aviação Civil/Central Única dos Trabalhadores) em agilizar uma solução para essa situação, quase mil credores morreram sem ter recebido seus direitos, em função da avançada idade. Apenas no dia 3 de fevereiro de 2015, os aposentados e pensionistas começaram a receber os devidos valores,

após determinação da União de que R\$ 179 milhões fossem depositados em juízo, com o objetivo de liquidação dos planos de benefícios.

Todo o martírio foi acompanhado de perto por Graziella Baggio, que tomou à frente dessa luta e representou os credores do Aerus pela FENTAC/CUT. Graziella participou ativamente das reuniões, encontros, manifestações e vigílias promovidas, com o intuito de chamar a atenção da sociedade como um todo para a situação dos aposentados e pensionistas. A hoje ex-presidente do Sindicato Nacional dos Aeronautas sempre deixou aberto um canal de comunicação tanto com aeronautas, como aeroviários, assim como organizou uma série de encontros para prestar esclarecimentos sobre as atualizações do caso.

Como é impossível agradecer a todos, apesar de seus esforços, Graziella sofreu acusações sem fundamento de opositores ao seu mandato, enquanto presidente do Sindicato. “Fui acusada de uma série de desfechos da Varig, como se eu tivesse esse poder. Ainda hoje, que não ocupo mais o cargo de presidente, sofro ataques constantes. Eles agem como se eu tivesse fechado a Varig, Vasp e Transbrasil. Essa oposição nada fez durante anos além de criticar o nosso trabalho, e quando participaram, foi para apresentar um plano o qual a sustentação seria com base em investimentos que ninguém sabia de onde vinham, além da retirada do pouco dinheiro que existia no Aerus para salvar a Varig. Isso era apavorante para os participantes do Fundo de

Aeromulher

Pensão, mas ninguém falava abertamente. E quando, a partir dos nossos esclarecimentos, os trabalhadores começaram a entender o quanto poderiam ser prejudicados com isso, os opositores começaram a nos atacar”, relata.

Os Sindicatos Cutistas nunca economizaram nas tentativas junto ao governo em busca de soluções menos traumáticas para os trabalhadores e trabalhadoras, tanto ativos como aposentados. Em 2001, após a interrupção das atividades da Transbrasil, os dirigentes sindicais viram a necessidade de fazer um curso imediato sobre previdência privada, como uma das medidas iniciais de política de defesa dos trabalhadores.

29 “Contratamos uma assessoria especializada para nos dar suporte, com isso tivemos mais informações sobre o fundo. Nosso contato foi com o escritório do Dr. Castanha Maia, em Brasília. Queríamos evitar a liquidação do fundo da Transbrasil, já que a empresa não tinha mais como arcar com as dívidas junto ao Aerus e suas atividades não mais existiam”, lembra Graziella.

Ela explica que, a partir desse momento, com o auxílio dos Sindicatos da FENTAC/CUT e dos trabalhadores, foi possível o preparo para o enfrentamento. “Fomos à justiça em busca dos nossos direitos e de todos os participantes do Aerus. O resultado estamos colhendo agora, depois de anos de luta, idas e vindas através de tutela antecipada, que contempla aposentados e pensionistas”, avalia. Após 14 anos nesse penoso processo, ela se sente aliviada e contente pelos credores terem atingido o atual

estágio, e tem certeza de que uma solução definitiva para o caso está próxima.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas durante a agonia do caso Aerus, somadas aos ataques pessoais que continua a sofrer, Graziella garante que em momento algum cogitou a hipótese de desistir dessa caminhada. Para ela, a luta sindical vai muito além da busca por direitos trabalhistas. Hoje, ela também deve ser avaliada de acordo com a necessidade de ocupação cada vez maior da mulher nesses espaços. “As mulheres que hoje participam do movimento sindical na aviação são poucas. Na direção dos aeronautas temos apenas uma mulher eleita, os outros 27 são homens. Existem questionamentos jurídicos a respeito disso, mas sem decisão judicial”, lamenta.

A comissária de voo aposentada desde 1996 acredita que as mulheres estão sendo deixadas de lado no setor e, por isso, precisam reagir a favor da

legislação em vigor sobre participação de gênero. A Lei das Eleições, implantada em 2009, obriga os partidos políticos a destinarem no mínimo 30% de suas vagas para mulheres. Em 1993, a CUT (Central Única dos Trabalhadores) implementou projeto de paridade equivalente nas direções das Centrais estaduais e nacional. Em 2015, a mesma CUT vai aprovar a extensão desse percentual para 50%. Mas a total incorporação da mulher nos espaços políticos ainda está longe de ser completa.

“Pessoalmente, fico triste em saber que precisamos aprovar uma questão tão óbvia como a paridade na CUT, já que esse processo deveria acontecer naturalmente. Já provamos que somos capazes. Ainda assim, devemos lutar pelo aumento da participação das mulheres nos movimentos políticos, já que elas ainda são minoria nas entidades sindicais. Precisamos resistir e lutar”.



Foto: Thamyres Ferreira - SRI/PR

Ainda sobre o caso Aerus, Graziella Baggio em audiência com o Ministro Ricardo Berzoini, em Brasília, realizada no dia 4 de dezembro de 2014

Aeromulher

Dicas de leitura

Curtas Primaveras

Autor: Pedro Paulo Rosa

Editora: Face

Páginas: 82

Sinopse:

Nessa sensível obra, Pedro Paulo Rosa nos apresenta, no formato de entrevista, a vida sofrida de Anita. Uma mulher simples que teve amores, filhos, alegrias e muitas dores. Leitoras e leitores se deparam com a trajetória de uma mulher relegada ao papel de mãe e dona de casa, dentro de uma sociedade onde os interesses masculinos prevalecem. Ler *Curtas Primaveras* é se sentir um pouco Anita e fazer parte de um pedaço de sua história.



Cisnes Selvagens- As três filhas da China

Autor: Jung Chang

Editora: Companhia das letras

Páginas: 647

Sinopse:

Nesse envolvente romance autobiográfico, Jung Chang narra a história de três diferentes gerações: a sua, de sua mãe e de sua avó. Tendo a Revolução Cultural da China como pano de fundo, a narrativa não só apresenta discussões sobre as imposições sociais sofridas pelas mulheres em diferentes épocas, como também é uma importante referência histórica, contada pelo ponto de vista de quem viveu, na pele, a violenta repressão imposta por Mao Tsé-tung.



A história da esposa - da Virgem Maria a Madonna

Autor: Marilyn Yalom

Editora: Ediouro

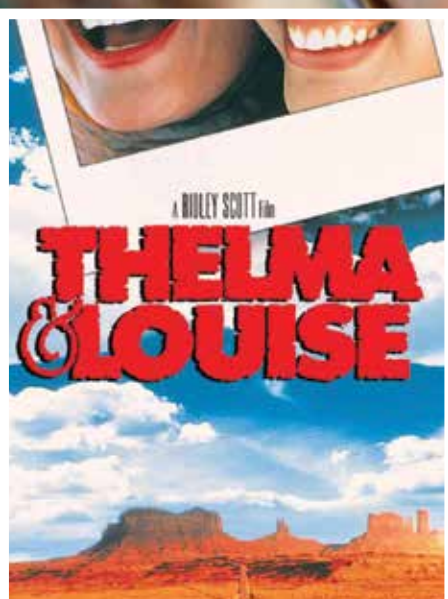
Páginas: 487

Sinopse:

O subtítulo dessa obra já deixa claro o material que leitoras e leitores vão encontrar: "O papel da mulher casada dos tempos bíblicos até o dia de hoje". A pesquisa histórica desenvolvida por Marilyn Yalom é uma referência da realidade social enfrentada pelas mulheres que viveram no mundo ocidental desde as culturas antigas até a contemporaneidade.



Dicas de filmes



Thelma e Louise

Lançamento: outubro de 1991

Direção: Ridley Scott

Tempo de duração: 2h9min

Sinopse: Louise Sawyer (Susan Sarandon) é uma garçonete que não pensa em casamento e Thelma (Geena Davis) uma dona de casa maltratada pelo marido. Cansadas da monotonia de suas vidas, as duas amigas decidem fazer uma viagem de carro, durante um final de semana. Mas se envolvem em um assassinato após Thelma sofrer uma tentativa de estupro. Foras da lei, só resta a elas fugir para o México, enquanto são perseguidas pela polícia americana.



Histórias Cruzadas

Lançamento: fevereiro de 2012

Direção: Tate Taylor **Duração:** 2h26

Sinopse: Skeeter (Emma Stone) é uma jovem que retorna a sua pequena cidade natal, determinada a se tornar escritora. Em meio a uma sociedade extremamente racista, onde mulheres negras apenas têm como opção ocupar a função de empregadas de uma elite branca, ela começa a coletar depoimentos sobre todo tipo de assédio sofrido por essas trabalhadoras, na esperança de lançar seu primeiro livro.



O sorriso de Mona Lisa

Lançamento: janeiro de 2004

Direção: Mike Newell

Duração: 2h5min

Sinopse: Katharine Watson (Julia Roberts) é uma jovem professora que consegue uma vaga para dar aulas de arte em um conceituado colégio feminino. À frente de seu tempo, ela é uma mulher que luta contra o conservadorismo e acaba influenciando algumas de suas alunas a reverem seus conceitos e papéis na sociedade como mulher.

Quem faz a empresa é você.

Quem garante seus direitos é o Sindicato.

SINDICALIZE-SE

**Aeronautas
Aeroviários
Aeroportuários**



**Federação Nacional dos
Trabalhadores em Aviação Civil**